

**Caminhos para ver, se ver e ser visto:
aproximações com o grupo de teatro Venvê Parangolé**

Aurisberg Leite MATUTINO
bergmatutino@gmail.com

Orientadora: Leda Maria de Barros GUIMARÃES
Universidade Federal de Goiás
culturavisual@fav.ufg.br
Financiadora: Bolsa REUNI

Esta investigação problematiza juventudes, seus modos de perceber o mundo e maneiras de construir significados em suas práticas socioculturais. Nesta expectativa, reflito sobre como os jovens do Grupo Venvê Parangolé constroem, por meio do teatro, representações e significados que os localizem como sujeitos na sociedade.

Palavras-chave: juventudes, culturas populares e visualidades

Esta investigação problematiza questões sobre juventude, seus modos de perceber o mundo e as maneiras de construir o significado nas suas práticas socioculturais. A pesquisa está acontecendo com 11 jovens participantes do *Grupo de Teatro Venvê Parangolé*. Este grupo é composto por jovens com idades entre 15 e 29 anos¹, situado na periferia do município de Aparecida de Goiânia. Fundado no ano de 2001 e mantido com o apoio de moradores e instituições do próprio bairro. O grupo perpassa um significativo trabalho artístico e cultural, que envolve a estruturação do trabalho de atores, captação de recursos, inserção em espaços culturais da cidade, criação de figurinos etc.

Os jovens participantes do grupo buscam trabalhar com manifestações de culturas populares, criando e recriando narrativas do cotidiano por meio de um processo de mediação coletiva do aprendizado, em que um sujeito aprende com o outro. Estes componentes podem ser vistos nas apresentações teatrais, no cenário, nos figurinos e nos roteiros desenvolvidos. Fazem parte de suas referências a

¹ O grupo localiza-se no Setor Madre Germana I a 27 km da Região Central da cidade de Goiânia, na GO-040, saída para o município de Aragoiânia. Segundo dados estatísticos fornecidos pelo IBGE de 2007, trata-se de um bairro periférico, que dos 4.649 habitantes, 2.729 são adolescentes e/ou jovens com idade entre 10 e 29 anos.

expressão estética e artística dos significados das culturas populares, da literatura de cordel e de autores como Ariano Suassuna. Além desse repertório, mesclam-se manifestações das culturas urbanas, da linguagem *Hip-Hop* e outras expressões artísticas, tais como pinturas, materiais gráficos e fotografias. Estas referências são conexões imbricadas no tempo e no espaço vivido por cada sujeito e sinalizam que nenhuma relação sociocultural é estática, desconectada de um contexto. Pelo contrário, são relações construídas que se constituem com o meio social nas dimensões pessoais e coletivas.

Meu primeiro contato com o grupo foi em 2001, enquanto eu cursava o último período de graduação em Artes Visuais, na Universidade Federal de Goiás (UFG). Devido à minha experiência com desenhos e o trabalho que já desenvolvia com formação de jovens em espaços comunitários, fui convidado pelo grupo para ministrar uma oficina de pintura em painéis. O intuito era desenvolver o cenário de um novo trabalho a ser apresentado no festival da Federação de Teatro de Goiás (Feteg), para concorrer, entre alguns títulos, o de “melhor espetáculo comunitário”.

O desejo de realizar esta investigação deu-se por meio dessa experiência de ministrar a oficina de pintura. Devo acrescentar que tanto o ponto de partida e convergência dentro dos meus trajetos pessoal e profissional, foi acionado a partir de reflexões surgidas pela minha vivência e experiência com serviços comunitários, movimentos sociais, grupos de jovens e o trabalho que desenvolvo atualmente na Casa da Juventude². Ingressei no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual (PPGACV) da UFG na Área de Concentração Educação e Visualidades com o desejo de aprofundar a compreensão sobre juventude em seus diversos processos de aprendizagens, privilegiando as múltiplas formas de viver e a experiência de fazer arte. A linha de pesquisa *Culturas da Imagem e Processos de Mediação* do PPGACV auxilia-me a refletir sobre essas relações inseridas em um paradigma pós-estruturalista, que não requer hierarquizações, localizando as implicações das relações de poder, a apreensão de saberes e como se posicionam e negociam sua visibilidade como sujeitos socioculturais.

² A Casa da Juventude Pe. Burnier (CAJU) é um Instituto de Formação, Assessoria e Pesquisa sobre juventude, vinculada à AJEAS, uma organização civil de utilidade pública sem fins lucrativos. Foi fundada em 1984 por jesuítas e leigos. A instituição oferece acompanhamento a grupos comunitários e organizações juvenis, possibilitando ações de prevenção primária aos jovens que vivem em situação de vulnerabilidade social.

Por intermédio de tais caminhos, surge a questão central desta investigação: que visualidades são construídas e negociadas pelos jovens do *Grupo de Teatro Venvê Parangolé* entre ver, se ver e ser visto, na interlocução das condições sociais e educacionais que vivenciam?

A base do pensamento teórico que transcorre esta análise investigativa está centrada em conceitos sobre juventude, culturas populares, visualidades e educação fora do contexto escolar. Diversos autores que trabalham com a questão das práticas culturais juvenis ajudarão na reflexão, dentre os quais destaco Paulo Carrano, Helena Abramo, Regina Novaes, Juarez Dayrell e José Machado Pais. Contribuirão com as reflexões sobre visualidades, cultura popular e educação, especialmente, Nicholas Mirzoeff, Fernando Hernández, Imanol Aguirre, Raimundo Martins, Irene Tourinho, Stuart Hall, Leda Guimarães e Paulo Freire. No que se refere a aspectos sistemáticos de pensar os procedimentos metodológicos desta pesquisa, encontro apoio nas reflexões de Denzin, Lincoln, Flick, Kincheloe, e Barbour.

Considerando que o nome *Venvê Parangolé*, indica, por si, um convite (ou uma provocação) para vê-los mais de perto, faço as seguintes questões: Por que, por quem, como e onde estes jovens querem ser vistos? Assim, o caminho metodológico da investigação tem realizado uma imersão no cotidiano do grupo, com o objetivo de conhecer os espaços pelos quais transitam, os significados construídos, suas inquietações estéticas, assim como ouvir suas narrativas, cartografando concepções de juventude, de arte, de comunidade e de vida nas suas práticas culturais. Que visualidades, aprendizagens e saberes são indicativos para revelar os trânsitos que estes jovens fazem na comunidade, na família e no próprio grupo?

Creio que a abordagem da Cultura Visual na perspectiva pós-estruturalista, traspassada pelos aportes dos estudos das culturas populares, poderá estabelecer conexões que me auxiliarão a compreender como o universo simbólico, a dinâmica do cotidiano, as narrativas e as experiências vividas no Grupo de Teatro Venvê Parangolé impactam em seus modos de ver, sentir e viver culturalmente.

Pela natureza da pesquisa e de seu campo de atuação, desenvolvo um estudo com abordagem qualitativa. “A pesquisa qualitativa, como um conjunto de atividades interpretativas, não privilegia nenhuma única prática metodológica em relação a outra” (DENZIN e LINCON, 2006, p. 20). Proponho com esta pesquisa,

investigar experiências de vida carregadas de significados, tais como a vivência em grupo, práticas culturais, arte etc. Assim como Denzin e Lincon (2006), acredito que “a competência da pesquisa qualitativa é, portanto, o mundo da experiência vivida, pois é nele que a crença individual e a ação e a cultura entrecruzam-se”. Estas temáticas sinalizam uma análise interpretativa dos dados, que são discutidas, igualmente, ao abordar ações de bricolagem, Kincheloe (2007), de caráter bastante heterogêneo, possibilita um repertório de diferentes aproximações, permitindo ao pesquisador utilizá-los nas diversas etapas da investigação.

Enquanto *bricoleur*, experimento olhar e interpretar o universo sociocultural e simbólico dos sujeitos jovens, as suas buscas, os seus desejos e as suas necessidades, recorrendo ao contato com narrativas. Para Denzin e Lincon (2006, p. 17), “a pesquisa qualitativa é uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo”. Devido a isso, utilizo múltiplos procedimentos de investigação e de coleta de dados, tais como grupo de discussão, uso do diário de campo, diálogos com imagens, registros fotográficos e gravações de vídeo. Para tentar “entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas conferem” (DENZIN E LINCON, 2006, p. 17).

Por tratar-se de um grupo já constituído com uma dinâmica própria de encontros solicitei que os próprios jovens definissem quais seriam os colaboradores da pesquisa. Foram três encontros com intervalos de quinze dias e duração média de duas horas cada. Os colaboradores foram onze jovens com idades entre 16 e 29 anos, participantes do *Grupo de Teatro Venvê Parangolé*, dos quais oito são membros atuais e três já participaram do grupo. Ao todo, são seis meninas e cinco meninos, com idade média de 23 anos. Dentre estes, nove já concluíram o ensino médio, dois estão concluindo e dois cursam o ensino superior.

A fim de “responder” a problemática desta investigação, optei por realizar um grupo de discussão com o intuito de “gerar e analisar a interação entre participantes, em vez de perguntar a mesma questão ou lista de questões” (BARBOUR, 2008 p. 20). Lewis (1992 apud BARBOUR 2008) argumenta que os agrupamentos de amizade são um importante critério para se convocar grupos de pessoas jovens.

Para a condução da discussão do grupo, procurei não seguir um roteiro extenso com questões fechadas e pré-estabelecidas, acreditando que “umas poucas breves questões e materiais de estímulo bem selecionados serão suficientes para

provocar e sustentar uma discussão” (BARBOUR, 2009, p. 113). Flick (2009) em acordo com Barbour entende que o pesquisador é um mediador, considerando que as intervenções dentro da discussão ou do grupo de discussão são muito mais perceptíveis como um moderador do que propriamente como um questionador. Para Flick (2009, p. 185), afirma que o papel do moderador de um grupo de discussão “consiste em não atrapalhar a iniciativa própria dos participantes, mas sim em criar um espaço aberto no qual a discussão aconteça primariamente por meio da troca de argumentos”.

No momento, a pesquisa encontra-se em fase de organização de todo material coletado, construção de relatórios dos encontros, para, em seguida, enfrentar o desafio de interpretar os dados, fazer escolhas, selecionar teorias, relacionando com o que penso, ouvi, li e aprendi para dar continuidade a escrita da dissertação, na tentativa de ser, mais do que compreendido, escutado.

Proponho no segundo semestre de 2011 um quarto encontro com o grupo. Este momento será necessário, pois retomaremos a discussão a partir da coleta do material por nós cartografados. Os colaboradores poderão ter acesso às questões e encaminhamentos da pesquisa e terão a oportunidade de questionar, sugerir e ampliar a discussão a partir do que pensam e acreditam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOUR, Rosaline. **Grupos Focais**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (Org). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

KINCHELOE, Joe; BERRY, K. **Pesquisa em educação: conceituando a bricolagem**. Porto Alegre: Artmed, 2007.